



## **Jorge Manuel Lima da Silva Rocha, ISCTE-IUL, CEHC, Academia Militar**

*“A Pátria em perigo” A NATO e a estratégia militar portuguesa nos primeiros anos das Guerras de África*

**Resumo:** Como escreve J. P. Cann na sua obra “Contra-insurreição em África”, *Portugal foi a primeira potência colonial a chegar a África e a última a sair.* Contrariamente a outras potências coloniais, Portugal, numa empresa que muitos vaticinavam condenada ao fracasso, decide lutar pela manutenção das suas colónias. Apesar dos limitados recursos nacionais, Portugal vai conseguir manter um empenhamento militar quase simultâneo em três teatros de operações distintos ao longo de treze anos. A luta pelas colónias é sobretudo política mas o papel de destaque cabe aos militares das Forças Armadas portuguesas que de 1961 a 1974 lutaram e morreram nas diferentes frentes de combate.

Fazendo uso de documentação arquivística de diversa índole e de outras obras recentemente publicadas, propomo-nos analisar na nossa comunicação as peculiaridades inovadoras da abordagem portuguesa da contra-insurreição em África e a profunda transformação, pensada e impulsionada em grande parte pela chamada «geração NATO», da estratégia e do aparelho militar português. Trataremos também de avaliar o impacto global das despesas militares na economia do país.

1961 é, assim, um ano de profunda crispação interna mas também no campo das relações externas do Estado português. As revoltas de Fevereiro de 1961 em Angola, auge das tensões acumuladas ao longo do último ano, confirmam a necessidade de colocar em prática os planos militares que, desde finais dos anos 50, tinham sido gizados para a defesa das colónias portuguesas. A integridade territorial de Portugal e a ordem interna deviam ser mantidos a qualquer custo pelo que deviam ser mobilizados

todos os recursos militares disponíveis sem olhar a compromissos internacionais entretanto assumidos, NATO incluída.

As acções repressivas levadas a cabo pelas forças portuguesas em Angola cedo farão surgir junto dos parceiros da Aliança Atlântica um coro de críticas que irá subindo de tom à medida que Portugal, esgrimindo velhos argumentos anti-comunistas, pede a retirada das suas forças ao serviço da NATO e desvia para África meios militares obtidos no âmbito daquela organização.

Relativamente à despesa com a Defesa, e apesar do significativo crescimento económico nacional, Portugal vai pôr em prática um estilo de campanhas de contra-insurreição com declarada intenção de contenção de custos. Intenções à parte, entre 1961 e 1974 as despesas militares acabarão por atingir o mais alto valor absoluto e não passarão despercebidas no seio da NATO onde Portugal é criticado por se ter oposto a um maior contributo financeiro para as despesas com a defesa comum.

**Palavras-chave:** Contra-insurreição, África, NATO.

